

Marcelo Neri : Brasil já experimenta
um crescimento "chinês". **Página A13**

O paradoxo do crescimento: somos Haiti ou China?



MARCELO
CÔRTE
NERI

No meu último artigo, publicado em 11 de setembro, apresentei evidências de expectativas positivas acerca da satisfação com a vida futura dos brasileiros. O Brasil seria, em 2006, numa amostra de mais de 130 países, aquele cujos cidadãos esperariam maior felicidade daqui a cinco anos. A felicidade prospectiva maior do mundo! Mas por que esperar tanto, se o nosso cenário econômico não se equipara ao de outros países emergentes? Ao ritmo das estatísticas das contas nacionais, e do PIB em particular, não seríamos verdadeiros BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), ou tijolos edificadores da riqueza global futura. Um candidato para explicar o descompasso entre expectativa e realidade tupiniquim seria o nosso otimismo. Embriagados dele, o copo dos brasileiros estaria sempre meio cheio. Mas mesmo passando ao quesito nível, tirando a diferença do momento futuro frente o atual, limpando os vieses psicológicos das perguntas subjetivas, o Brasil ainda se equipara à incrível marca dos chineses de salto de felicidade esperado. Mas, se não estamos crescendo como os chineses, por que ex-

perimentamos um sentimento de prosperidade futura semelhante?

A resposta que pretendo explorar aqui acerca do paradoxo da felicidade futura tupiniquim não é a de que o nosso crescimento parece chinês, mas a de que ele é (ou está) chinês na prática. Faço isto à luz da Pnad do IBGE divulgado entre o último artigo e o atual. Na verdade, já tínhamos alertado para o mesmo tipo de descompasso a partir da divulgação dos dados da Pnad de 2005. Transformando uma longa história: as contas nacionais de 2005 e 2006 fornecem crescimento per capita acumulado do PIB de 3,84%! Sempre após o lançamento dos dados do

A renda Pnad cresceu ao ritmo chinês de 16,4% no biênio 2005-06, 4,3 vezes maior que a velocidade haitiana do PIB per capita

PIB, a comparação que vem ao debate é a do crescimento haitiano. Na era de ouro que caracteriza o mundo desde 2001, crescer as contas nacionais pouco como o Haiti e o Brasil é andar para trás em termos relativos. Já o crescimento da renda domiciliar per capita da Pnad no mesmo período, também excluindo o crescimento populacional, foi de 16,4%, ou seja quase 4,3 vezes maior do que o do PIB per capita, mesmo após a revisão para ci-

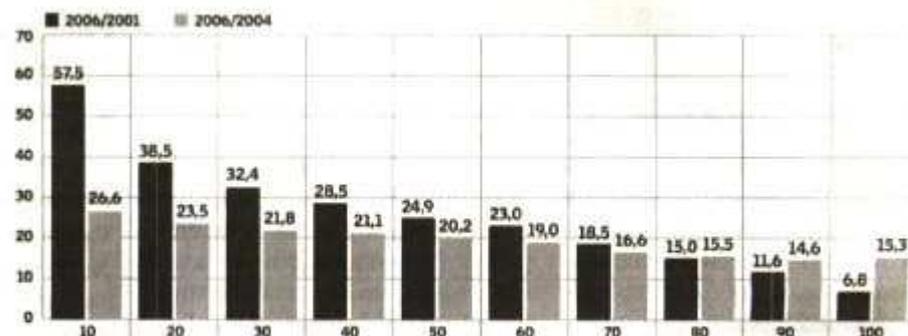
ma das contas nacionais. De toda forma, das duas uma: ou o Brasil está crescendo mais do que o PIB sugere, ou a pobreza não está caindo tanto quanto os celebrados números da Pnad apontam (23,9%).

Uma possibilidade de reconciliação para o divórcio estatístico estaria no crescimento dos componentes do PIB que não são captados na Pnad, como lucros retidos pelas empresas e movimentos do consumo descolados da renda. Eles explicariam esta diferença. O problema aqui está na magnitude da discrepância observada. Outro é que estas explicações fazem o paradoxo aumentar, e não diminuir. As firmas não reduziram a distribuição proporcional de dividendos (vide, por exemplo, a valorização do Ibovespa de 60% em 2005 e 2006) e o boom do crédito direto ao consumidor aponta crescimento da despesa de consumo maior que o da renda Pnad.

A Pnad é um medidor direto do tamanho do bolso dos brasileiros, feito a partir da soma de nove perguntas diretas sobre o que as pessoas recebem em diversas fontes de renda. O fato é que a pesquisa, com sua amostra formada bem balanceada por mais de 400 mil respostas individuais, não passou por nenhuma mudança metodológica, nem o INPC foi utilizado na deflação deste cálculo. Os olhos puxados da estatística pnediana se encontra refletido em outros indicadores do biênio 2005-06, como o aumento de vendas do comércio,

Varição acumulada da renda

Por décimo de renda - Brasil (%)



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PNAQ/IBGE

de 11,8%, e de geração de postos de trabalho — 4,6 milhões de novos postos de trabalho, em particular 2,5 milhões de novos empregos formais.

O gráfico ilustra que o Brasil teve crescimento chinês para os mais pobres (e só para eles) no começo da presente década, mas que vive nos últimos anos crescimento chinês para todos os estratos sociais (vide nosso sítio abaixo). O boom recente seria de melhor qualidade que o chinês pois vem acompanhado de maior equidade, enquanto a China vive uma crescente desigualdade, similar a que vivemos durante o milagre econômico brasileiro dos anos 60. Outro paralelo com o Brasil da segunda metade dos anos 60 está nas liberdades políticas associadas a um regime democrático que

nós vivemos hoje, e eles não. Crescer com regime político fechado é mais fácil no curto prazo mas não no longo. No aspecto ambiental a China também tem se destacado como a ovelha negra (de fuligem) enquanto no Brasil, por influência de uma gestão conservadora do Ministério do Meio Ambiente, o crescimento é arrefecido, mas também por este motivo, como nos outros aspectos citados, seria mais sustentável. Em suma, o nosso crescimento chinês é melhor que o deles.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da Deficiência", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio sociais".
E-mail: mcneri@fgv.br